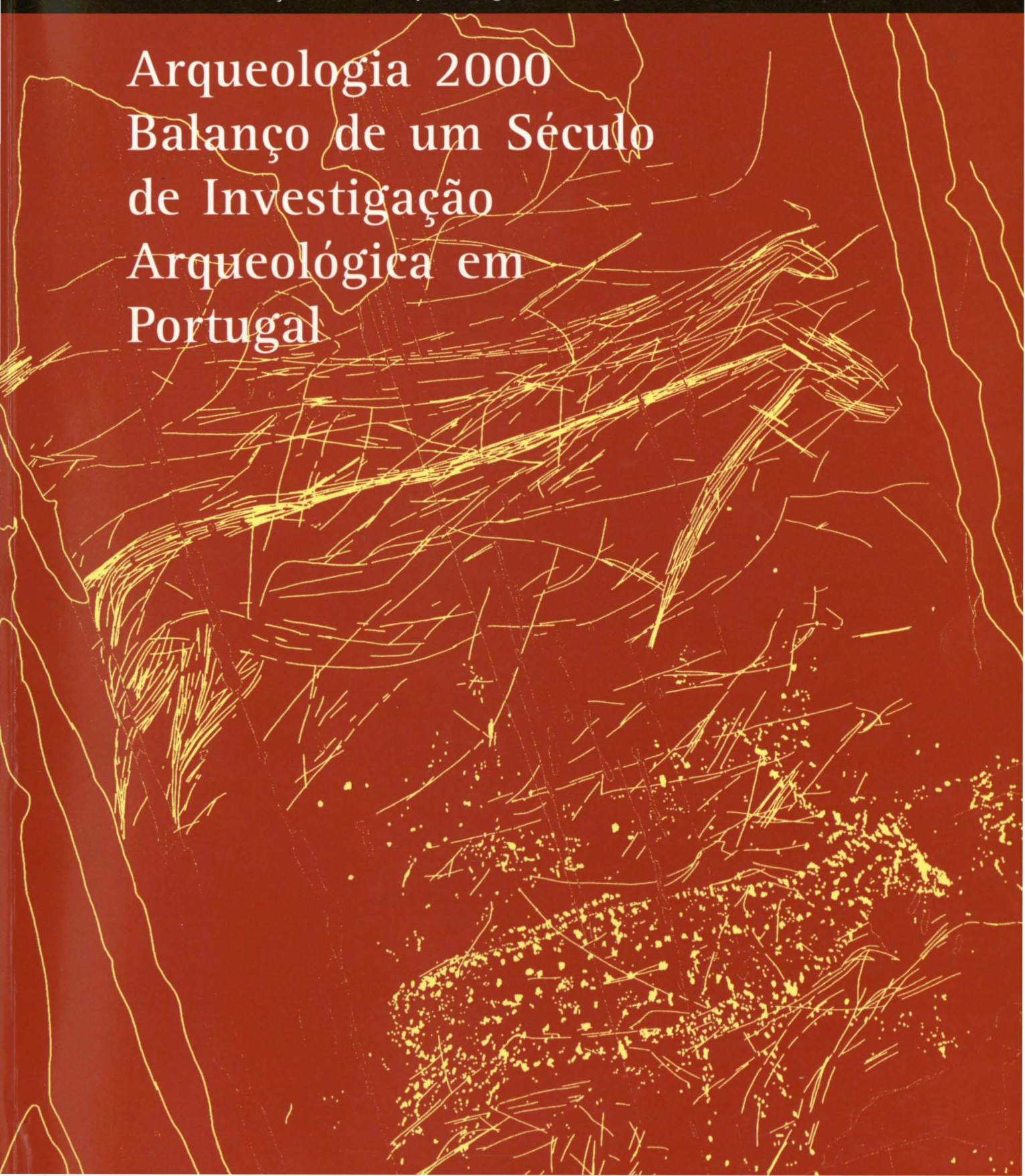


# ARQUEOLOGIA & História



Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses | Volume nº54 | 2002

## Arqueologia 2000 Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal



Titulo

*Arqueologia e História*

Volume

54

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Largo do Carmo, nº 4, 1º direito, 1200-092 Lisboa  
Tel.: 21 346 04 73 · Fax: 21 324 42 52  
e-mail: associacao.arqueologos@clix.pt

Coordenação

José Morais Arnaud

Projecto gráfico

*oficina de design* Nuno Vale Cardoso & Nina Barreiros  
Capa 2.º desenho original de M. V. Gomes

Impressão

Europress – Editores e Distribuidores de Publicações, Lda.  
Praceta da República, 15 – 2620-162 Póvoa de Santo Adrião  
Tel.: 21 938 14 50 · Fax: 21 938 14 52  
e-mail: europress@mail.telepac.pt

Tiragem

1000 exemplares

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

ISSN

972/9451-39-7

Depósito legal

73446/93

*Solicita-se permuta*  
*Exchange wanted*

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva  
responsabilidade dos respectivos autores

Patrocínio



# Um século de estudos no Paleolítico Médio em Portugal: balanço e perspectivas

Luís Raposo

Director do Museu Nacional de Arqueologia  
Mosteiro dos Jerónimos, Praça do Império, 1400-260 Lisboa

Contrariamente às primeiras identificações positivas de indústrias de bifaces, atribuíveis à "Época de Chelles", e de indústrias leptolíticas, atribuíveis à "Idade da Rena", que foram realizadas em Portugal ainda no século XIX e no âmbito da investigação pioneira dos membros da Comissão Geológica, os vestígios integráveis na chamada "Época de Moustier" apenas viriam a ser reconhecidos mais tarde, já no começo do século XX. Este facto é em si mesmo elucidativo das dificuldades inerentes ao estudo do Paleolítico Médio. Dificuldades de dois tipos: umas de natureza teórico-epistemológica e que se prendem com a maior ou menor justificação em individualizar o período, no conjunto da evolução histórica do Paleolítico europeu; outras de natureza metodológica, já que neste período nem a diagnose tipológica, nem as escalas de resolução cronológica, nem tão-pouco o significado funcional dos sítios ocupados e, em geral, a procura de tradições e comportamentos humanos, são compatíveis com uma pré-história de orientação geológica, ainda utilizável em relação ao Paleolítico Inferior, sendo todavia certo que não existem frequentemente os meios para aqui desenvolver uma pré-história de orientação-histórica ou antropológica, como se exige em relação ao Paleolítico Superior.

A oposição evocada entre uma "pré-história geológica" e uma "pré-história histórica" encontra-se bem patente numa das primeiras sínteses sobre a Pré-história portuguesa, da autoria de José Leite de Vasconcelos. Não obstante o êxito e o impacte político-mediático do chamado "Congresso de Lisboa", em 1880, é notório neste autor, de assumida orientação histórico-antropológica, um certo desinteresse pelos conhecimentos então adquiridos sobre o período Paleolítico, que pouco retém a sua atenção, chegando a afirmar: "Deixemos pois o homem paleolítico na sua pequenez, e prossigamos na narração da vida dos seus descendentes, que, possuidores de outros recursos, oferecem mais largo campo às pesquisas de quem estuda" (Vasconcelos 1885: 24).

O desinteresse assinalado viria a ser compensado pela geração de historiadores e etnólogos que nas primeiras décadas do século XX dedicaram grande atenção do estudo do Paleolítico português, especialmente

na região de Lisboa. Entre eles cumpre salientar Vergílio Correia e Joaquim Fontes, ambos autores de sínteses sobre o período, onde pela primeira vez se individualiza o Paleolítico Médio. O primeiro, em 1912, inventaria 38 locais no distrito de Lisboa, 5 no de Leiria, 1 no do Porto, 1 no de Vila Real, concluindo que "o nevoeiro denso que envolveu o homem pré-histórico, começa a desfazer-se; as figuras do lado de lá da névoa vão aparecendo mais nítidas; não tardará que as vejamos completas, forradas de peles ou tauxiadas apenas de enfiadas conchas raras" (Correia 1912: 56). O segundo, no Congresso Pré-Histórico de França de Angoulême, no mesmo ano em que se dava a conhecer o chamado "Homem de La Quina" e o "mustierense estava na ordem do dia", apresentava a primeira síntese sobre o Paleolítico Médio, concluindo que "se nos é possível descrever [em Portugal] os caracteres de uma fase lítica, correspondente à época de Moustier em França, faltam-nos no entanto os caracteres especiais, que não poderemos encontrar senão mais tarde, quando tiverem sido descobertas jazidas com estratificação." (Fontes 1913: 6).

Seria, porém, erróneo supor que a maior atenção acima indicada se traduziu, de facto, num importante progresso dos conhecimentos. De toda a evidência, as chamadas "ciências humanas", mais palavrosas do que substantivas, eram ainda incapaz naquela altura de produzir grandes avanços relativamente ao suporte geológico existente anteriormente e então em franco declínio, não obstante os trabalhos que ainda iam sendo desenvolvidos por investigadores como Nery Delgado.

Esta carência de conhecimentos encontra-se bem patente quer em obras de síntese, como o célebre "El Hombre Fossil", de Hugo Obermaier (1916), que apenas dedica duas páginas a Portugal, ou como a "História de Barcelos", onde Mendes Corrêa (1929) somente reserva um parágrafo ao Mustierense, sem referir nenhum local em particular, quer no relato da viagem que Henri Breuil realizou à zona de Lisboa e de que deu conta na "Terra Portuguesa", em 1918: parte dos locais anteriormente atribuídos ao Paleolítico deveriam antes datar do Neolítico; e sendo o Mustierense "largamente abundante" em sítios como o do Casal do

Monte, ele deveria ser objecto de estudo e individualização mais sólidos.

Viria a ser o próprio Henri Breuil, principalmente em conjunto com Georges Zbyszewski e durante os anos da Segunda Grande Guerra, quem haveria de levar à prática o programa que preconizara cerca de duas décadas antes. Os investigadores portugueses, que tinham continuado a acumular pequenas descobertas de superfície, embora visivelmente incomodados pelos poucos resultados alcançados, acolheram os novos métodos de Breuil com grande entusiasmo: "Há, porém, um método novo, mais seguro e com o qual se pode conseguir um classificação, simultaneamente racional e objectiva, do paleolítico dos arredores de Lisboa: é o método do sábio pré-historiador Pe. H. Breuil" – dizia Jean Ollivier, em 1941.

O trabalho de Breuil e Zbyszewski foi realmente notável e passou a constituir um quadro de referência que se prolongou até recentemente. As principais obras então produzidas (Breuil e Zbyszewski 1942 e 1945, Zbyszewski 1943) e depois retomadas em sucessivas sínteses (Zbyszewski 1958, 1964, 1974a, 1974b), constituem, pois, o ponto de referência que permitirá avaliar os progressos dos conhecimentos ocorridos nas últimas décadas, isto sem esquecer que cedo houve quem chamasse a atenção para as insuficiências das metodologias e dos resultados daqueles investigadores. Em 1956, na súpula que fez da sua actividade anterior, já Manuel Heleno confessava a insatisfação relativamente ao estado dos estudos sobre o "Paleolítico Antigo" (aqui incluindo o Paleolítico Inferior e Médio): "Devemos confessar que neste campo o nosso esforço nos não satisfaz... a verdade é que não encontramos destes remotos tempos uma estação cuja estratigrafia pudesse ser a chave duma cronologia. E dada a instabilidade da nossa costa, a falta de segurança dos caracteres altimétricos das praias quaternárias, a falta de depósitos marinhos com fauna distinta da fauna actual, os perigos do critério das pátinas usado por Breuil, o encontro duma estação nas condições citadas era basilar para a estruturação do paleolítico antigo de Portugal. Outros serão mais felizes do que eu" (Heleno 1956, 227).

Na aproximação aos tempos mais recentes, tendo por base o quadro de conhecimentos recebido de Breuil e Zbyszewski, parece-nos útil reter as sínteses de conhecimentos que nós próprios fomos realizando, desde o início dos anos 80 (Raposo 1984, 1989, 1993a, 1993b, 1995, 2000). É sintomático que nelas se siga um percurso de crescente afastamento relativamente aos textos precedentes e especialmente à forma pela qual Georges Zbyszewski se referia nos seus trabalhos de 1974 quer à identificação de tecno-complexos, quer à enumeração de "fácies regionais" no Mustierense português. Estes últimos (grutas da província da Estremadura; regiões de Lisboa e de Rio Maior; praias quaternárias do litoral da Estremadura; terraços quaternários do Tejo; Algarve meridional), embora discutidos, servem inicialmente para estruturar um texto (Raposo 1984) que ainda se centra muito no tipo de problemáticas herdadas das épocas precedentes, comparando-as com o estado de conhecimentos "pós-Breuil" na Europa e com algumas descobertas portuguesas mais recentes, para salientar os desfasamentos resultantes de tal confronto. No final da mesma década emerge sobretudo um questionário novo, sob a forma de uma "problemática de pesquisa", com a enumeração de cerca de uma dúzia de quesitos a serem prosseguidos no estudo do Paleolítico Médio português (Raposo 1989: 24-25). Nas sínteses do início dos anos 90, finalmente, densifica-se a referência a descobertas novas, em grutas e em sítios de ar livre, centrando-se a abordagem em perspectivas mais marcadamente históricas, introduzindo-se todo um novo conjunto de questões que mantêm plena actualidade (Raposo 1993a, 1993b, 1995 e 2000).

Pode afirmar-se que ao longo de um século de investigações se alteraram profundamente os dados, as interpretações e os modelos explicativos utilizados no estudo do Paleolítico Médio português. Não se trata já de considerar apenas um "antes" e um "depois" da obra monumental de Breuil e Zbyszewski. As últimas décadas constituem um terceiro momento de profunda inovação, que terá talvez começado, no início dos anos 70, por ser demasiado especulativa (é disso exemplo a problemática do chamado "Languedocense" que tantas

energias mobilizou, no sentido de o distinguir das indústrias paleolíticas e até especificamente do Mustierense – v., por exemplo, Raposo 1986), mas adquiriu depois importantes fundamentos empíricos. Com efeito, as listas dos locais e do tipo de documentação utilizáveis no estudo do Paleolítico Médio português desde o final dos anos 70 são substancialmente diversas das que existiam até então.

Locais a que, durante décadas, fora atribuída extrema importância, a ponto de se constituírem em referências capitais para em todas as sistematizações anteriores, encontram-se hoje remetidos para plano secundário. Tal é o caso dos sítios do "manto basáltico de Lisboa" que até muito tarde continuaram a merecer um lugar central nos estudos sobre o Paleolítico Médio português, principalmente devido à "tabela de referência" construída por Breuil e Zbyszewski a partir do Casal do Monte, onde se julgou possível encontrar uma sequência estratigráfica-tipo, capaz de isolar horizontes culturais específicos e de, por esta via, fundamentar a validade dos chamado "método das pátinas" (v. as sínteses da história das pesquisas nesta região apresentadas em Cardoso *et al.* 1993, Raposo e Carreira 1994a). Nós próprios julgámos que esta apreciação poderia ter algum suporte. Todavia, recentes trabalhos que dirigimos no Casal Monte (junto do campo de futebol, em zona ainda liberta de urbanização) vieram demonstrar o carácter derivado de toda a cobertura detritica, fortemente remexida até ao substrato ante-quaternário (margoso ou basáltico, conforme a zonas), seja por efeito dos próprios mecanismos naturais de sedimentação (deflação e coluvionamento), seja por efeito da acção antrópica (trabalhos agrícolas). Nas zonas a que tivemos acesso, pelo menos, não existem quaisquer condições para imaginar ser possível estabelecer no futuro uma qualquer referência-padrão, suficientemente controlável do ponto de vista estratigráfico e representativa do ponto de vista tecno-tipológico, susceptível de alicerçar, corrigindo e apurando, a seriação física das vastíssimas colecções líticas encontradas no chamado "manto basáltico" de Lisboa.

Mas se regiões como a dos arredores de Lisboa diminuíram de importância no balanço geral dos conheci-

mentos sobre o Paleolítico Médio português, outras tiveram evoluções contrárias. No que respeita a sítios de ar livre importa sobretudo referir o Vale do Tejo, desde a sua entrada em território português até à zona estuarina.

Mais a montante, a região de Vila Velha de Ródão adquiriu especial relevo, principalmente por dois dos locais nela estudados: Vila Ruivas e Foz do Enxarrique. No primeiro foram identificadas ainda nos finais dos anos 70 estruturas de *habitat* que têm merecido referência em diversas obras gerais sobre a Pré-história europeia e os Néandertais (v., por exemplo, Stringer e Gamble 1993: 156; Otte 1996: 165; Gamble 1999). Trata-se de dois arcos interpretados como suportes de pára-ventos ou cabanas, contendo no seu interior trêslareiras-caloríferas (Raposo e Silva 1981; G.E.P.P. 1983). Atribuídas inicialmente, com base em argumentos geomorfológicos e pedológicos, ao Plistocénico Médio Final (Riss Final, na terminologia glaciária alpina convencional), estas estruturas viriam mais tarde a ser datadas por meios absolutos (TL-OSL) em cerca de 54000 ±12000 -11000 anos (Raposo 1995 : 64). Ainda hoje constituem um dos mais antigos exemplos de estruturas construídas, em contexto fluvial de ar livre, na Península Ibérica. No segundo local, Foz do Enxarrique, ainda em escavação extensiva, foi identificada uma indústria lítica de muitos milhares de artefactos, talhados localmente na sua maioria, associados estratigraficamente com um conjunto faunístico onde predominam o veado, o cavalo e o auroque, embora também se registem o elefante, o rinoceronte, o coelho e, muito residualmente (um resto ósseo cada), a raposa e a hiena (Brugal e Raposo 1999). O interesse especial deste local é triplo: a vastidão da indústria lítica, de boa factura Levallois, permitirá uma sólida caracterização das suas características técnicas; as condições de sedimentação em regime de baixa energia (siltes e areias muito finas) justificarão uma análise espacial mais atenta e suscitarão toda a problemática do controlo da real associação entre os diferentes pacotes de dados disponíveis (indústria lítica e associação faunística, qualquer delas tomadas em bloco ou repartidas no seu interior), questão que já suscitámos no artigo em conjunto com Jean-Philip Bru-

gal, acima citado, e também explorámos noutra ocasião, com outra envolvência teórica (Raposo 1996); finalmente, a datação muito precisa e notavelmente recente (33600 ±500 BP) deste horizonte incluem-na na problemática muito actual da extinção dos últimos Néandertais e da passagem para o Paleolítico Superior, matéria a que voltaremos adiante.

No mesmo vale fluvial, mas já no contexto do chamado "Baixo Tejo", é também de referir a existência de dados novos na região de Alpiarça e na zona estuarina. No primeiro caso, os estudos realizados até ao presente encontram-se ainda em fase muito embrionária. Atrever-nos-íamos aliás a vaticinar que esta será uma das regiões cruciais para o aprofundamento futuro dos conhecimentos sobre a passagem do Paleolítico Inferior para o Paleolítico Médio no Ocidente da Península Ibérica - processo quase desconhecido no presente, mau grado achados muito importantes recentemente realizados na rede cársica das Nascentes do Almonda e a que faremos referência mais à frente.

O Paleolítico de Alpiarça continua hoje, não obstante o passar do tempo, a ser basicamente desconhecido em termos modernos. Nós próprios, em conjunto com Maria Margarida Salvador e Paolo Mozzi, pudemos ali identificar na última década cerca de uma dezena de horizontes arqueológicos *in situ*, em posições estratigráficas diferenciadas, no Vale do Forno e noutros vales adjacentes, merecedores de escavação em superfície. A revisão geológica e geomorfológica da área foi igualmente iniciada (v. Mozzi *et al.* 1999, e.p.). As escavações realizadas até hoje em três dos locais referidos permitiram estabelecer positivamente a ocorrência de indústrias acheulenses em camadas mais antigas; de indústrias de classificação mais problemática, situadas entre o "modelo acheulense" e o "modelo Paleolítico Médio", em camadas mais recentes; e de indústrias micoquenses (entendido o termo aqui como sinónimo de "Acheulense Final"), nas camadas superiores (v. Raposo *et al.* 1985).

Será importante verificar no futuro se, efectivamente, os horizontes micoquenses indicados são mais recentes do que os primeiros níveis com indústrias apro-

ximadas do modelo "Paleolítico Médio". Estas constituíram, por seu lado, uma das principais novidades que a investigação da zona pode vir a revelar. De momento, foi já realizado, mas continua inédito, o estudo extensivo de um local ("Vale do Forno 8") onde se identificou uma abundante indústria deste tipo (Raposo 1995: 62). Verifica-se a ocorrência numericamente pouco significativa dos chamados "large cutting tools" característicos do Paleolítico Inferior (bifaces, normalmente de má factura, machados, "lascas acheulenses", etc.), mas predominam os utensílios sobre lasca, frequentemente de pequenas dimensões, por vezes desviados ou assimétricos: denticulados e entalhes de excelente execução técnica, raspadores (muitos dos quais sobre face plana), pontas perfurantes, facas de dorso... Do ponto de vista técnico regista-se a ausência do método Levallois, a ocorrência de núcleos discóides, porém minoritários; os talões são maioritariamente corticais ou lisos, os ângulos de talhe muito obtusos, sendo significativa a existência de utensílios e subprodutos de talhe de "tipo kombewa", ou seja, com bolbos de percussão ou superfícies de lascagem em ambas as faces – facto que parece ficar a dever-se a uma exploração bifacial oportunística dos suportes.

Este tipo de indústria lítica, não datada com precisão, mas para a qual existem indícios que a permitem incluir no Plistocénico Médio Final (Raposo 1995: 62; Mozzi *et al.* 1999, e.p.), tanto pode ser classificada como "Acheulense Superior", como "Paleolítico Médio Antigo" ou "Pré-Mustierense", no sentido em que este termos foi outrora aplicado a conjuntos de cronologia antiga (ante-wurmiana), dominados por utensílagens sobre lascas e manifesta marginalização dos tipos e dos métodos conformação dos suportes mais característicos do Acheulense. Qualquer que seja a sua classificação final, a verdade, porém, é que, não obstante evidentes continuidades, ela se diferencia claramente do Acheulense propriamente dito... e também, aparentemente de forma mais notória, da generalidade dos conjuntos do Paleolítico Médio português, incluindo os do mesmo vale fluvial, embora possua pontos de contacto com eles.

Talvez as descontinuidades referidas entre este tipo

de indústrias atribuíveis a um "Paleolítico Médio Antigo" e as melhores conhecidas do "Paleolítico Médio Recente" se fiquem apenas dever às importantes lacunas de conhecimentos ainda existentes neste final de século e milénio. Com efeito, praticamente todos os locais do Paleolítico Médio português, sobretudo os que puderam ser datados com alguma precisão, situam-se em época relativamente recente, senão mesmo excepcionalmente tardia. Tal é o caso, por exemplo, do sítio da Conceição, situado no mesmo vale do Tejo, mas já no estuário, onde se recolheu uma abundantíssima indústria de núcleos (discóides maioritariamente) e subprodutos de talhe, com grande escassez de utensílios retocados, para a qual pôde ser estabelecido um limite *post-quem* de 27600 ±600 anos (Raposo e Cardoso 1998b). Nesta zona são, aliás, conhecidos diversos outros locais, de que se destaca o da Cascalheira (Raposo e Carreira 1994b), com características semelhantes (extraordinária quantidade de massas nucleares em todos os estádios de conformação e exploração, até à exaustão e ao abandono; subprodutos de talhe; raros utensílios), mas sem datações definidas, embora não repugne atribuir igualmente e talvez (pela elevada padronização técnica e pela produção massiva de suportes) a cronologias muito avançadas.

Para além da notável soma de dados obtidos em sítios de ar livre, é igualmente importante salientar os elementos provenientes das grutas. Até ao início dos anos 80 apenas duas ou três cavidades poderiam ser incluídas em listagens sobre o Paleolítico Médio português: Furninha, algar e diaclase de Salemas, Columbeira... e pouco mais. E ainda assim com importantes insuficiências, devidas quer à natureza das próprias ocupações humanas, quer aos métodos de pesquisa empregues. Quanto à Furninha, a individualização de uma ocupação do Paleolítico Médio foi realizada na base de critérios tipológicos e de seriação física (Breuil e Zbysewski 1942-45) pouco compatíveis com os procedimentos metodológicos actuais; e quanto às restantes cavidades, nunca as respectivas indústrias tinham sido publicadas extensivamente, baseando-se as respectivas diagnoses na impressão geral deixada pelas indústrias líticas, pela associação a uma mega-fauna

parcialmente já inexistente mesmo no Paleolítico Superior e pela ocorrência em duas delas (algar de Salemas e Columbeira) de restos humanos classificáveis como neandertalóides.

Nas duas últimas décadas realizaram-se progressos fundamentais. Alargou-se o número de cavidades com ocupações do Paleolítico Médio, que juntamente com as já citadas ultrapassa hoje a dezena. Citemos as principais, de Norte para Sul: Furninha, Caldeirão (Zilhão 1997), Buraca Escura (Aubry e Moura 1994), Lapa dos Furos (Zilhão 1997), Nascentes do Almonda (Zilhão 2000), Columbeira, algar de Salemas, diaclase de Salemas, Pego do Diabo (Zilhão 1997), Figueira Brava (Antunes 1992), Escoural (Silva *et al.* 1991, Araújo e Lejeune 1995). Obtiveram-se elementos de datação absoluta, por vezes muito sólidos (v. as respectivas listagens e discussão em Antunes *et al.* 1989, Marks *et al.* 1994, Raposo 1995 e 2000, Raposo e Cardoso 1998, e Zilhão 1997 e 2002). Descobriram-se indústrias líticas de descoberta recente (Figueira Brava – Raposo e Cardoso 2000a e 2000b) e procedeu-se à revisão de outras antigas (Columbeira – Raposo e Cardoso 1998a, Cardoso e Raposo 2000). Assinalou-se a ocorrência de pelo menos uma estrutura de combustão (Buraca Escura, em camada subjacente a níveis do Gravetense). Identificaram-se mais restos humanos (Nascentes do Almonda, ainda não publicados *in extenso*, e Figueira Brava – Antunes 1992, Antunes *et al.* 2000). Inventariaram-se colecções faunísticas, em certos casos muito completas (Figueira Brava – *idem*).

Seria obviamente impossível, num texto de síntese como este, proceder à apresentação individual de cada um dos locais ou mesmo do tipo de dados indicados no parágrafo anterior. Limitamo-nos, por consequência, a chamar a atenção somente para a circunstância de nestes estudos ter já começado, pela primeira vez em Portugal, a ser utilizada regularmente uma metodologia de estudo padronizada (o chamado "método Bordes", enriquecido com os contributos do estudo das tecnologias de talhe e da chamada "economia das matérias-primas"), susceptível de servir à comparação das indústrias portuguesas entre si e com as de outros países.

Assim, por exemplo, na Columbeira, a partir de con-

juntos líticos muito representativos no caso das camadas correspondentes a horizontes residenciais (1880 artefactos na camada 7; 2433 artefactos, na camada 8), pôde identificar-se um "Mustierense de denticulados rico em raspadores, de talhe e fácies Levallois" (Raposo e Cardoso 1998a; Cardoso e Raposo 2000); na Figueira Brava, com base em quase quatro mil artefactos (ou cerca de 2500, sem esquirolas), considerou-se a ocorrência de um "Mustierense Típico, rico em denticulados, de talhe não Levallois e fácies não levalloisense" (Raposo e Cardoso 2000a); nas Nascentes do Almonda/Gruta da Oliveira, a partir de cerca de três dezenas de artefactos, referiu-se um "Mustierense de tipo Ferrassie" (Zilhão 1993: 134). Embora nem todas estas atribuições tenham por base conjunto estatisticamente representativos (como é evidente no caso da Gruta da Oliveira), a verdade é que começa a ser possível detectar no Mustierense das grutas em Portugal uma variabilidade idêntica à que se reconhece noutros países europeus. É de esperar que o quadro da variabilidade apontada seja no futuro muito enriquecido, com a descoberta e caracterização de novos conjuntos, em cavidade e ao ar livre, de datações mais diferenciadas e em regiões até aqui ignoradas. Tal será o caso do Algarve onde apenas recentemente foi assinalada a localização moderna de alguns locais do Paleolítico Médio, ainda não datados, mas que se revelam muito prometedores pelos ambientes diferenciados em ocorrem, "planaltos, vales fluviais, dunas de areias litorais, ambientes lacustres, todos próximo da costa" (Ferring *et al.* 2000).

Não se deve, porém, limitar o balanço dos conhecimentos adquiridos nos últimos anos a aspectos tecnotipológicos. O conjunto de dados assim reunido, em sítios de ar livre e cavidades, permitiu proceder pela primeira vez à tentativa de individualização do Paleolítico Médio não apenas com o recurso aos critérios tradicionais de diagnose das indústrias líticas, mas também as aspectos tais como os dos padrões de subsistência e das territorialidades (v., por exemplo, Raposo 1995).

Quanto aos primeiros, baseamo-nos sobretudo nos repertórios faunísticos de cada local. Na ausência de

dados paleobotânicos, eles constituem, juntamente com os próprios recursos líticos, os únicos elementos informativos a este respeito – e ainda assim com importantes limitações que resultam da dúvida quanto ao exacto lugar da intervenção humana na acumulação dos restos animais. Sítios como os da Figueira Brava e da Foz do Enxarrique podem ser apresentados como exemplos extremos da problemática aqui subjacente.

Na Figueira Brava, regista-se uma imensa listagem de espécies, talvez a mais completa em toda a Península Ibérica em sítios de cronologia equivalente (18 espécies de grandes mamíferos, 19 espécies de pequenos mamíferos, 31 espécies de aves, 13 espécies de répteis, 3 espécies de anfíbios, 36 espécies de invertebrados marinhos... e ainda alguns peixes, em número de espécies não indicado – Antunes 1992, Antunes *et al.* 2000). Tamanha profusão de espécies possui um inestimável valor para a caracterização do clima da época (que deveria ser sensivelmente mais frio do que o actual, a avaliar pela presença da foca ártica e do pinguim gigante, mas não tão rigoroso que impedisse a sobrevivência de espécies mediterrânicas, também assinaladas) e dos ambientes físicos dos arredores imediatos da cavidade; contribui também poderosamente para a construção de tabelas de referência bioestratigráficas. Mas deve ser vista com alguma prudência quanto ao exacto papel jogado pelo Homem na sua acumulação. Para além da ocorrência de numerosas espécies sem aparente utilidade para a alimentação humana, encontram-se também presentes diversas feras (leão das cavernas, gato bravo, hiena das cavernas, lobo, raposa, urso pardo) – com as quais os grupos humanos não partilhariam obviamente o seu *habitat*. Ainda assim, não custa admitir que parte desta fauna tenha resultado de actividades de predação antrópica (caça ou necrofagia ?), que só um estudo arqueozoológico aprofundado permitiria identificar com precisão. O registo de alguns invertebrados marinhos, de uma espécie de tartaruga terrestre e de um cágado, por exemplo, é muito interessante, por parecer constituir um padrão que se repete noutros locais do Paleolítico Médio, em Portugal e em Espanha (v., por exemplo, Fuentes *et al.* 1998), de tal modo que poderá servir à

distinção das práticas económicas deste período em relação às do Paleolítico Superior.

No caso da Foz do Enxarrique, tanto o número de espécies como o número de restos (NR) e o número mínimo de indivíduos (NMI) são bastante reduzidos: veado (219 NR; 3 NMI), cavalo (149 NR; 4 NMI), auroque (9 NR; 3 NMI), elefante antigo (5 NR; 1 NMI), rinoceronte indeterminado (1 NR; 1 NMI), raposa (1 NR; 1 NMI), hiena (1 NR; 1 NMI), coelho (17 NR; 1 NMI) (Brugal e Raposo 1999). Trata-se, portanto, de uma situação totalmente inversa da verificada na Figueira Brava. Com menor capacidade informativa quanto a climas e paisagens (sugerindo ainda assim ambientes temperados, de campo aberto). Mas com muito maior capacidade informativa quanto à sua origem e aos processos tafonómicos que conduziram até ao momento em que foi de novo posta a descoberto, sejam eles de origem natural ou antrópica.

Uma análise mais detalhada dos conjuntos faunísticos e das fontes de abastecimento em recursos líticos detectados noutros sítios forneceria seguramente elementos adicionais relevantes para a caracterização das práticas de subsistência do Paleolítico Médio, em Portugal. Contudo, dada a falta de espaço num texto com as características deste, passamos já a observar outra dimensão da problemática em presença: a das territorialidades.

A comparação com os locais do Paleolítico Inferior, torna patente a existência no Paleolítico Médio de uma muito mais expressiva ocupação das grutas (ocupação que para aquele período apenas se encontra documentada nas gruta da Furninha, de forma fugaz e algo hipotética, e das Nascentes do Almonda, de forma fortuita para o caso dos conjuntos acheulenses ali detectados, que teriam sido originados no exterior, encontrando-se hoje em posição derivada), o que poderá ser explicado tanto por comportamentos de ordem cultural (procura deliberada de tais locais, no âmbito de estratégias de captação de recursos logisticamente mais organizadas), como pela simples progressão da ocupação do território, motivada por factores demográficos, passando a atingir-se certas áreas (maciços rochosos a maior altitude, embora raramente acima dos 200

metros) tidas por "marginais" relativamente às rotas preferenciais de circulação dos grandes herbívoros plis-tocénicos, obviamente ligadas aos terrenos baixos, em contexto fluvial.

Estas características encontram-se bem exemplificadas no exercício de articulação espacial e funcional de sítios que é possível realizar na zona da Várzea de Loures, junto a Lisboa (Raposo 1993a: 96 e segs., 1995: 74). Trata-se de uma zona onde "poderia pretender reconhecer-se 'residências de base' (Gruta do Correio-Mor) a baixa altitude, na orla dos fundos vales; 'locais de caça' (Santo Antão do Tojal) também nos fundos dos vales; "locais de talhe' (Casal do Monte), em plataformas pouco elevadas, próximo das fontes de matéria-prima; e 'locais de passagem', pontos de apoio logístico à actividade de caça e recollecção (Grutas de Salemas e do Pego do Diabo), ou simples refúgios de feras frequentados ocasionalmente pelo homem (algar de Salemas), estes dois últimos situados a maior altura, acima dos 200 m, em maciços rochosos periféricos. Poder-se-ia... e sem dúvida com uma inegável utilidade heurística. No entanto é preciso não perder de vista as limitações impostas pelo ponto de partida, os dados básicos, sobretudo devido à escassa resolução cronológica disponível para o estudo do Paleolítico Médio, especialmente se considerarmos a informação que podemos manejar hoje no território português. É indispensável ter em conta o conceito de pene-contemporaneidade que utilizamos, no qual talvez não tenham cabimento fáceis certos exercícios intelectuais, certamente muito interessantes, mas apenas aplicáveis de maneira sólida quando se possa garantir a articulação cronológica entre os diferentes sítios manipulados. No caso vertente é, por exemplo, impossível garantir que os 'lugares de caça' de Santo Antão do Tojal, datáveis em torno de 80.000 anos, possam relacionar-se funcionalmente com o resto dos sítios implicados neste modelo, para os quais não se dispõe de datações e cuja idade, pelo menos no caso das grutas de Salemas e Pego do Diabo, pode ser bastante avançada dentro do Würm Antigo" (Raposo 1995: 73).

Se a comparação entre a distribuição territorial dos sítios do Paleolítico Médio com os do Paleolítico Infe-

rior apresenta diferenças que, em nossa opinião, possuem um fundo histórico real e não se ficam apenas a dever a dificuldades de pesquisa (história das investigações, conservação e exposição de depósitos, visibilidade arqueológica das respectivas indústrias líticas, etc.), o cotejo com os locais do Paleolítico Superior revela situação idêntica, porventura mais clara, tanto pelo muito maior volume de dados manipuláveis, como principalmente pelo contraste profundo existente entre ambos os períodos.

É aqui patente a maior dispersão dos locais do Paleolítico Médio, muitos dos quais se mantêm intimamente ligados aos vales fluviais principais ou subsidiários (tal como durante o Paleolítico Inferior), e a grande concentração geográfica dos locais do Paleolítico Superior na Península de Lisboa, raramente relacionados com os vales fluviais principais ou nem mesmo com os vales dos afluentes mais significativos. Importa, todavia, em relação a esta última observação, ter presente que, se a mesma pode resultar efectivamente de uma diferente apropriação do território por parte das comunidades humanas de ambos os períodos (revelando as do Paleolítico Superior uma mais complexa exploração dos recursos e sobretudo uma maior coesão social, traduzida em pólos de concentração de sítios arqueológicos), ela pode também ser o resultado circunstancial de factores tais como as diferentes necessidades no que se refere ao aprovisionamento em matérias-primas ou, pura e simplesmente, as diferentes condições de visibilidade arqueológica de ambos, ainda aqui por tão razões diversas como: a cobertura das formações fluviais do Würm recente por depósitos aluviais holocénicos, impedindo assim o acesso a numerosos sítios potencialmente existentes; as condições de identificação tipológica das indústrias de ambos os períodos; e a própria história das pesquisas no nosso país (a este respeito importa reconhecer que a investigação realizada nos últimos anos no interior do País, nos vales fluviais do Côa e do Guadiana, demonstra, em ambas, a ocorrência de significativas ocupações humanas do Paleolítico Superior e a escassez de vestígios do Paleolítico Médio). Como quer que seja, pensamos que casos como o de Rio Maior, com a grande concentração de sítios do Paleolítico

Superior ali registada, não se podem apenas justificar-se por vícios nossos de pesquisa ou sequer pela abundância de matérias-primas, mas também e principalmente por uma nova apropriação do espaço por parte das comunidades humanas do Paleolítico Superior, para o que muito deve contar a implantação daquela área num verdadeiro corredor de passagem entre a bacia do Tejo e a faixa litoral, situada que está entre as serras de Aire e Montejunto, a altitudes que não chegam aos 700 metros.

As questões de datação adquirem ainda nesta última década uma especial relevância, com a revisão de alguns dos critérios geomorfológicos empregues em décadas anteriores e a utilização mais regular de elementos de cronologia absoluta. Com plena propriedade, poderia também aplicar-se ao Paleolítico Médio português (diríamos mesmo ao conjunto do Paleolítico português), a apreciação geral de Colin Renfrew segundo a qual o radiocarbono fez mais pela pré-história do que toda a chamada "Nova Arqueologia" junta. Estaria obviamente fora do âmbito de um texto de síntese, como este, a discussão detalhada de todas as datas absolutas disponíveis – discussão que justificaria amplo tratamento, já que, na aparente segurança que a expressão numérica confere, fica muitas vezes por esclarecer qual a relação entre o evento físico datado e a acção humana a que o mesmo se pretende associar. A discussão especiosa de datas (fiabilidade laboratorial, validade estatística, calibração e comparação entre diferentes métodos, inserção geológica, coerência estratigráfica, contextualização arqueológica, etc.), reunindo argumentos em defesa das teses favorecidas por cada autor em cada momento, e de oposição às que se pretende combater, corre o perigo de vir a tornar-se no futuro, se não já hoje (v., por exemplo, os comentários que fazemos em Raposo 1998), em terreno apenas acessível a um conjunto muito reduzido de especialistas, terreno mais pantanoso e enganador do que firme e esclarecedor.

Assim, não entrando por agora no tipo de discussão indicado, limitamo-nos a fazer ressaltar alguns traços gerais, conforme os apresentámos noutra ocasião e julgamos manterem actualidade: "(i) não se encontra

por agora demonstrada a existência de indústrias mustierenses em período rissiano convencional, ou seja durante o Plistocénico Médio; (ii) inversamente, reconhece-se o prolongamento até ao Plistocénico Superior de indústrias de bifaces (caso dos horizontes ditos "mico-quenses" do Vale do Forno, em Alpiarça); (iii) conhecem-se indústrias mustierenses datadas do Würm Antigo, de cronologias equivalentes ao Mustierense em toda a Europa ocidental (caso das grutas das Nascentes do Almonda e da Furninha, e do sítio de ar livre de Santo Antão do Tojal); (iv) finalmente, e como aspecto mais interessante na actualidade, regista-se uma perduração das indústrias do Paleolítico Médio (nem sempre facilmente definíveis como mustierenses) até ao início do Würm Recente (Plistocénico Superior Final), há cerca de 28-30 mil anos, tanto em grutas como em locais de ar livre, atingindo portanto cronologias cerca de 5-6 mil anos mais recentes dos que as do limites superiores do período em toda a Europa de além-Pirinéus, na Catalunha e na Cantábria" (Raposo 1993b, 152).

O aspecto anteriormente apresentado em último lugar, para o qual vimos a chamar a atenção desde os finais dos anos 80 e depois foi retomado por outros colegas (Zilhão 1993, 1997 e 2000), constitui seguramente o tema que mais tem atraído a investigação realizada nos últimos anos, incluindo-se aliás numa dos tópicos de pesquisa internacional actualmente mais favorecidos: a transição do Paleolítico Médio para o Paleolítico Superior e o processo de extinção dos Néandertais.

Uma vez comprovada a sobrevivência indicada, extensiva ao Levante espanhol e talvez à Meseta Ibérica, o que verdadeiramente importa agora é procurar explicá-la. Para o efeito, temos considerado ser imprescindível observar com maior atenção, e comparar, o percurso histórico das três penínsulas meridionais do continente europeu: balcânica, itálica e ibérica (Raposo 2000). Neste quadro, tendo como variáveis de análise quer as presenças humanas (taxas de ocupação dos territórios, indústrias líticas, características físicas das populações, etc.) quer as envolventes ambientais (especialmente os climas e as faunas), considera-se possível propor um modelo paleobiogeográfico para a sobrevivência tardia dos néandertais ibéricos. Afinal, os néandertais tardios

ibéricos fazem parte um mosaico de particularismos, senão mesmo endemismos, extensíveis ao conjunto da fauna do Sul e Ocidente da Península.

Questão algo diversa da anterior, que parte exclusivamente de aspectos culturais, mas pretende alcançar uma plataforma mais alargada, é a da existência (ou não) de algum tipo de continuidade biológica no processo global de extinção dos Néandertais. Os dados antropológicos físicos são ainda muito escassos para fundamentar qualquer modelo específico neste domínio. Os poucos restos neandertalenses conhecidos em Portugal não permitem qualquer diagnose segura das suas características particulares. A população que se sucede, documentada pela recente descoberta notável de um esqueleto praticamente completo de criança no abrigo do Lagar Velho 1, Lapedo (Duarte *et al.* 1999), integra plenamente a chamada "humanidade moderna", embora denotando alguns traços arcaicos. Ainda que seja atribuída a estes traços alguma componente neandertalense, o que se discute presentemente (v., por exemplo, o artigo e o debate incluindo na revista "Mediterranean Prehistory OnLine", em <http://www.med.abacomac.it>; assim como o comentário inicialmente inserido na revista onde a primeira notícia do achado foi publicada: Tattersall e Schwartz 1999), a verdade é que, do ponto de vista cultural (tecnologias e tipologias líticas, utensilagens em osso, territorialidades, expressão simbólica, etc.) existe uma ruptura completa entre ambas as populações e períodos.

Pelo nosso lado e contrariamente aos autores do estudo do esqueleto do Lapedo, não vimos que as características supostamente neandertalenses indicadas possam efectivamente servir a tal diagnose, antes parecendo compatíveis com a normal variação subespecífica no interior de uma população anatomicamente moderna (Raposo 1999). Não vemos como pode ter existido na Estremadura portuguesa um processo tão generalizado de hibridismo entre os últimos Neandertais e os primeiros *sapiens* modernos há cerca de 30 a 28 mil anos (de tal modo que alguns milhares de anos depois ele ainda fosse perceptível ao nível do fenotipo em criança datada de há menos de 25 mil anos) sem que tal comportamento tivesse algum tipo de tradução no registo

arqueológico. Com efeito, é difícil imaginar que duas populações se cruzassem regularmente entre si do ponto de vista biológico, durante alguns milénios, sem que simultaneamente trocassem qualquer tipo de normativos culturais, isto é, sem que se testemunhem os mínimos indícios de processos de aculturação.

Acresce que estas dificuldades, expressas pelo lado da pré-história, são corroboradas, e mesmo reforçadas com maior radicalidade e crescente suporte empírico, pelos lãdos da genética e da paleontologia. A acumulação de dados relativos à caracterização genética dos Néandertais tem vindo a reforçar a ideia de que eles constituíam, pelo menos desde a Alemanha até ao Cáucaso, passando pela Croácia, uma população muito homogénea, profundamente diversa da população moderna. Nada indica que, para Ocidente, tivessem sido diferentes. Neste quadro, afirmam o geneticistas que o cruzamento entre ambas as populações ou seria pura e simplesmente impossível ou não teria viabilidade reprodutiva. Por outro lado, verifica-se também que as observações paleontológicas potencialmente mais esclarecedores (caso da estrutura do ouvido interno) realizadas sobre o esqueleto do Lapedo apontam no sentido da sua normal inclusão dentro do *Homo sapiens* – o que tem sido "naturalmente" aceite pelos próprios defensores da tese do hibridismo, porque afinal se trataria basicamente de uma criança moderna, com alguns traços herdados ancestralmente dos Néandertais.

Posta a questão nestes termos, atinge-se obviamente uma situação de impasse: toda e qualquer futura observação no sentido *sapiens* será sempre acolhida "com naturalidade". E dos traços supostamente Néandertais o que subsiste? Apenas uma ou outra particularidade morfológica, um ou outro índice de robustez e um ou outro índice corporal que nos dizem numerosos antropólogos e todos os geneticistas poderem ocorrer dentro de qualquer população, por mais afastada dos Neandertais e por menos hiper-ártica que seja. Parece sensato reconhecer que para a defesa de uma ideia (não devemos sequer já falar em tese científica, porque na situação exposta ela se tornou insusceptível de contraditório) com tão vastas implicações, as provas escasseiam.

Como quer que seja, este episódio ilustra bem como nos encontramos neste final do século XX em momento de grande intensidade no estudo de alguns dos aspectos relacionados com o Paleolítico Médio português. Ora, se a vivacidade do debate científico é prova da vitalidade dos respectivos campos de pesquisa, então será fácil diagnosticar que nos próximos anos se acentuará o interesse pelo estudo deste período. Atrevemo-nos neste contexto a pensar (e desejar) que o tipo de enfoque já possível para a fase final do Paleolítico Médio seja extensível, cada vez mais, aos momentos anteriores, dos quais ainda pouco se sabe. É flagrante o contraste existente a riqueza relativa da base de dados e do tipo de questionário manipuláveis para o período de há cerca de 50 a 30 mil anos, com a pobreza dos conhecimentos e problematizações que possuímos para épocas anteriores, nas quais nem sequer sabemos, com rigor, situar as origens do Paleolítico Médio/Mustierense, diferenciando-o do Paleolítico Inferior/Acheulense.

No Vale do Forno, em Alpiarça, por exemplo, parece existir uma continuidade técnica e tipológica significativa, desde indústrias dominadas pela associação entre "large cutting tools" (bifaces, machados, raspadores) e "large cutting flakes" (as chamadas "lascas acheulenses", na terminologia de Breuil e Zbyszewski), muito típicas do Paleolítico Inferior, até indústrias onde predominam as utensilagens sobre lasca, de pequenas e médias dimensões, sendo os bifaces e machados meramente residuais e pouco típicos, as quais poderiam já integrar, como vimos, o conceito de "Paleolítico Médio Antigo". Noutros pontos do mesmo vale, ao invés, é notória a ruptura existente entre as indústrias acheulenses e mustierenses: em Vilas Ruivas (em Ródão), por exemplo, alguns bifaces e machados encontrados *in situ* em camadas inferiores incluem-se plenamente no contexto do Acheulense da região, diferindo muitíssimo do conjunto da utensilagem do Paleolítico Médio do mesmo local, em posição estratigráfica superior, não apenas em termos tecnológicos globais, mas até na tipologia dos dois únicos bifaces conhecidos e relacionáveis com este último horizonte. Será todavia uma tal descontinuidade realmente cultural, ou meramente cro-

nológica, uma vez que o horizonte do Paleolítico Médio se encontra ali datado em cerca de 50 mil anos, desconhecendo-se qual a datação do horizonte acheulense subjacente, que no entanto será muito anterior a 100 mil anos? Novamente, e como sempre, é preciso não esquecer aspectos empíricos básicos (resolução cronológica, número de locais e conjuntos líticos manipuláveis, etc.), antes de enveredar pelo caminho, sempre aliciante mas demasiado enganador, da teorização ao sabor de cada presente. Como, em epígrafe que foi buscar a Sherlock Holmes, recordava François Bordes no seu combativo comentário "sobre a pré-história 'nova' e alguns dos seus problemas" (v. F. Bordes 1984, vol. 2, p. 429), "constitui um erro capital teorizar antes de possuímos dados. Insensivelmente, começamos a torcer os factos para seguir teorias, em vez de serem as teorias a seguir os factos".

É preciso, pois e antes de tudo, obter bons dados empíricos de base, que só podem advir de projectos de investigação estruturados e persistentes. É disso exemplo a descoberta muito recente, nas grutas das Nascentes do Almonda, de dois locais (Brecha das Lascas e Galeria Pesada) onde se reconheceram diversos horizontes de presença humana datáveis do Plistocénico Médio (de há cerca de 200 a cerca de 300 mil anos) com fauna e conjuntos líticos atribuíveis a uma fase antiga do Paleolítico Médio (Marks *et. al.* 1999). Segundo as primeiras descrições dos autores citados, as indústrias destes locais, em quartzito, quartzo e sílex, para além de numerosas, afiguram-se ser semelhantes entre si, mas muito diferentes de quase tudo o que se conhece até hoje em Portugal: "Os utensílios têm uma preponderância de formas bifaciais mais comuns no Micoquense do que no Acheulense Ibérico: faces bifaciais de dorso, assimétricas, um Prodnik, numerosos raspadores com adelgaçamento ventral (por oposição aos raspadores bifaciais), etc. Os utensílios bifaciais incluem raspadores bem retocados, alguns aproximados do semi-Quina, em lascas de quartzo, tal como alguns denticulados" (p. 241). Do ponto de vista técnico assinala-se a ausência do método Levallois e a presença de núcleos discóides e radiais. A debitagem apresenta ângulos obtusos, talões sem preparação, raridade de formas

alongadas, retoque sobre a face plana. Entre os utensílios e para além dos já indicados, regista-se a ocorrência de denticulados de boa factura, raspadores, alguns entalhes e alguns utensílios apontados.

Trata-se de um achado que pode contribuir muito significativamente para o melhor esclarecimento de algumas das questões postas nos parágrafos anteriores. Embora, na realidade, estas indústrias líticas pareçam ser muito singulares, é talvez possível encontrar-lhes paralelos em alguns horizontes da região de Alpiarça e especialmente no sítio do Vale do Forno 8, a que aludimos noutra passagem do presente texto. Mas podemos dizer que estamos apenas no início de uma nova fase de pesquisa: só agora começa a ser viável encarar a problemática da origem do Paleolítico Médio no nosso território e da sua discriminação em relação do Paleolítico Inferior.

Questões do mesmo tipo poderiam ser colocadas em relação ao desenvolvimento interno das indústrias do Paleolítico Médio. Os poucos dados existentes a este

respeito apenas permitem registar que os conjuntos datados de fases mais antigas parecem conter maior número de utensílios retocados, inclusivamente em modalidade de gestão predeterminante dos núcleos, enquanto os conjuntos mais recentes parecem documentar tecnologias muito mais expeditivas, dominadas por instrumentos de ocasião, onde mais raramente se transformam os subprodutos de talhe em utensílios retocados – ocorrências que obviamente não significam "rêtrocesso" ou "degenerescência" tecno-tipológica (e, muito menos, cultural em sentido amplo), mas podem precisamente ser entendidas em termos contrário, como procurámos argumentar pelo estudo que fizemos das indústrias líticas da Gruta Nova da Columbeira (Raposo e Cardoso 1995, Cardoso e Raposo 2000). Esta ideia pode, aliás, ser reforçada pela diferença que parece existir dentro do Paleolítico Médio entre as suas fases finais (entre cerca de 50 e cerca de 30 mil anos), mais inovadores (por exemplo: ocorrência pela primeiras vez de estruturas de habitat) e diversificadas (varia-

### Principais sítios arqueológicos do Paleolítico Médio em Portugal

Local	Geologia		Líticos		Fauna		Estrut. habitat	Restos humanos	Datação (milhares de anos)					Caracterização cultural	
	CAVE	M/L/P	esc	ab	esc	ab			200	150	100	50	30		
<b>Ródão (Tejo)</b>															
Vilas Ruivas		■		■			■						■		Mustierense
Foz do Enxarrique		■		■										■	Mustierense
<b>Furninha</b>	■		■			■							■		Mustierense (?)
<b>Buraca Escura</b>	■		■		■		■		?						Mustierense
<b>Caldeirão</b>	■		■		■									■	Mustierense (?)
<b>Lapa dos Furos</b>	■		■		■									■	indeterminável
<b>Tomar (Nabão)</b>															
Estrada do Prado		■		■	■									■	Mustierense
Santa Cita		■		■			■							■	Mustierense
<b>Nascentes do Almonda</b>															
Galeria Pesada	■			■		■							■		Pré-Mustierense ou Micoquense de tipo oriental (?)
Brecha das Lascas	■			■		■							■		Pré-Mustierense ou Micoquense de tipo oriental (?)
Oliveira	■			■		■		■					■	■	Mustierense de tipo Ferrassie
<b>Alpiarça (Tejo)</b>															
Vale do Forno 8		■		■										■	Pré-Mustierense (?)
Milharós (VF1)		■	■											■	Micoquense (Acheulense Final)
<b>Columbeira</b>	■			■		■		■							Mustierense de Denticulados, rico em raspadores
<b>Loures</b>															
Sto. Antão do Tojal		■		■	■									■	Mustierense
Casal do Monte		■		■					?						Mustierense
Correio-Mór	■			■	■				?						Mustierense
Algar de Salemas	■		■			■		■							indeterminável
Diaclase de Salemas	■			■	■									■	Mustierense
Pêgo do Diabo	■		■		■									■	indeterminável
<b>Alcochete (Tejo)</b>															
Cascalheira		■		■					?						Mustierense
Conceição		■		■										■	Mustierense
<b>Figueira Brava</b>	■			■		■		■						■	Mustierense Típico
<b>Escoural</b>	■			■	■									■	Mustierense

cav: cavidades; ar liv: ar livre esc: escasso; ab: abundantes

? falta de elementos de datação

bilidade das indústrias líticas), do que as fases mais antigas, onde mau grado as descobertas recentes continua a ser válida a ideia de uma certa *stasis*, com que tradicionalmente se pretendeu classificar o comportamento humano arcaico.

Mas estas são apenas impressões, que falta documentar convenientemente. No fundo, terminamos como começámos: aquilo que faz a complexidade, e o aliciante, do estudo do Paleolítico Médio encontra-se no seu estatuto epistemológica, teórica e metodologicamente ambíguo, situado como está entre percepções do passado muito diferentes, porque baseadas em escalas de aproximação espaço-temporais assaz diversas.

## Bibliografia

- ANTUNES, M. T. (1992) – "O Homem da Gruta da Figueira Brava (ca. 30000 BP), Contexto ecológico, alimentação, canibalismo", *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe Ciências*, vol. 31, pp. 487-536, Lisboa.
- ANTUNES, M. T. et al. (1989) – "Paleolítico Médio e Superior em Portugal: datas C14, estado actual dos conhecimentos, síntese e discussão", *Ciências da Terra*, Universidade Nova de Lisboa, nº10, pp. 127-138, Lisboa.
- (2000) – "The latest neanderthals : evidence from Portugal", *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe Ciências*, vol. 39, pp. 283-317, Lisboa.
- ARAÚJO, A.C. e M.. LEJEUNE (1995) – "Gruta do Escoural, necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica", *Trabalhos de Arqueologia*, nº8, IPPAR, Lisboa.
- AUBRY, T. e MOURA, M. H. (1994) – "Paleolítico da Serra de Sicó", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 34 (3-4), pp. 43-60, Porto.
- BORDES, F. (s.d.)– *Leçons sur le Paleolithique*, Paris.
- BREUIL, H. (1918) – "Impression de voyage paléolithique à Lisbonne », *Terra Portuguesa*, nº 13-14, pp. 17-26, Lisboa.
- BREUIL, H. e ZBYSZEWSKI, G. (1942 e 1945) – "Contribution a l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire". *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomos XXIII e XXVI, Lisboa.
- BRUGAL, J.-Ph. e RAPOSO, L. (1999) – "Foz do Enxarrique (Ródão, Portugal): preliminary results of the analysis of a bone assemblage from a Middle Palaeolithic open site", *The Role of Early Humans in the Accumulation of European Lower and Middle Palaeolithic Bone Assemblages*, Romisch-Germanisches Zentralmuseum, monografia nº 42, pp. 367-379, Mainz.
- CARDOSO, J.L. et al. (1993) – "O Paleolítico do Manto Basáltico de Lisboa", *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vol. 3, Oeiras.
- CARDOSO, J. L. e RAPOSO, L. (2000) – *A Gruta Nova da Columbeira (Bombarral)*, ed. Câmara Municipal do Bombarral.
- CORREIA, V. (1912) – "O paleolítico em Portugal. Estado actual do seu estudo", *O Arqueólogo Português*, vol. 17, pp. 55-62, Lisboa.
- DUARTE, C. et al. (1999) – "The early Upper Paleolithic human skeleton from the Abrigo do Lagar Velho (Portugal) and modern human emergence in Iberia", *Proceedings of the National Academy of Sciences*, nº 96, pp. 7604-7609.
- FEFFING, C. R. et al. (2000) – "The Middle Paleolithic of Algarve", *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. 2 – *Paleolítico da Península Ibérica*, pp. 271-276, Porto

- FONTES, J. (1913) – "Note sur le Moustérien au Portugal", *Huitième Congrès préhistorique de France*, sessão de Angoulême, pp. 3-11, Le Mans.
- FUENTES, E. J. et al. (1998) – "Presencia de *Agrionemys* (= *Tes-tudo*) *hermani* (Gmelin, 1789) en el Paleolítico Médio de la Gruta Nova da Columbeira (Bombarral, Provincia de Estremadura, Portugal)", *Studia Geologica Salamanticensia*, nº 34, pp. 123-139, Salamanca.
- HELENO, M. (1956) – "Um quarto de século da investigação arqueológica", *O Arqueólogo Português*, série 2, vol. 3, p. 3-19, Lisboa.
- GAMBLE, Cl. (1999) – *The Palaeolithic Societies of Europe*, ed. Cambridge University Press, Cambridge.
- G.E.P.P. (1983) – "A estação paleolítica de Vilas Ruivas (Ródão) - campanha de 1979", *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 4ª série, vol. 1, pp. 15-38, Lisboa.
- MARKS, A., et al. (1994) – "Upper Pleistocene Prehistory in Portuguese Estremadura : Results of Preliminary Research", *Journal of Field Archaeology*, vol. 21, nº 1, pp. 53-68, Boston.
- (1999) – "Report on the initial excavations of Brecha das Lascas and Galeria Pesada (Almonda, Portuguese Estremadura)", *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 1, pp. 237-250, Porto.
- MOZZI, P. et al. (1999) – "Morpho-stratigraphy of Quaternary deposits and the archaeological record: the case of the Tejo and Nabão valleys (Ribatejo, Portugal)", *Arkeos*, nº 5, pp. 63-84.
- MOZZI, P. et al. (e.p.) – "The Middle Terrace deposits of the Tagus river in Alpiarça, Portugal, in relation to early human occupations", *Quaternary Research*, Washington.
- OLLIVIER, J. (1941) – "A classificação das indústrias paleolíticas dos arredores de Lisboa", *Brotéria*, vol. 33, pp. 374-376, Lisboa.
- OTTE, M. (1996) – *Le Paléolithique inférieur et moyen en Europe*, ed. Armand Colin, Paris.
- RAPOSO, L. (1984) – "Os caçadores-recolectores do Paleolítico", *História de Portugal* (dir. José Hermano Saraiva), vol. 1, pp. 30-61, Ed. Alfa, Lisboa.
- (1986) – "Mustierense, Mustiero-languedocense ou Languedocense?", *Arqueologia*, nº 14, pp. 13-21, Porto.
- (1989) – "Problemas actuais no estudo do Paleolítico Inferior e Médio português", *Lusitana*, nº 2, pp. 5-28, Lisboa.
- (1993a) – "O Paleolítico". *História de Portugal*, vol. 1 - O Começo. Ed. Ediclube, pp. 21-99, Lisboa.
- (1993b) – "O Paleolítico Médio". *O Quaternário em Portugal - balanço e Perspectivas*. Ed. APEQ y Colibri, pp. 147-161, Lisboa.
- (1995) – "Ambientes, territorios y subsistencia en el Paleolítico Medio de Portugal". *Complutum*, vol. 6, pp. 57-77, Madrid.
- (1996) – "Entre sossegos e angústias: a natureza das periodizações em Arqueologia", *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, nº 6, pp. 431-444, Oeiras.
- (1998) – "Pré-história Antiga. Balanço de 1997", *Almadan*, 2ª série, nº 7, pp. 12-14, Almada.
- (1999) – "A propósito da criança do Lapedo: os meios e os fins na divulgação de descobertas arqueológicas", *Almadan*, 2ª série, nº 8, pp. 97-101, Almada.
- (2000) – "The Middle-Upper Palaeolithic transition in Portugal", Stringer, Ch., Barton, R. N. E. and Finlayson, Cl. (eds.), *Neanderthals on the Edge: 150th Anniversary Conference of the Forbes' Quarry Discovery, Gibraltar*, Oxbow Books, pp. 95-109, Oxford.
- RAPOSO, L. e SILVA, A.C. (1981) – "Elementos de cultura material na estação paleolítica de Vilas Ruivas", *Arqueologia*, nº 4, pp. 99-104, Porto.
- RAPOSO, L. e CARDOSO, J. L. (1998a): "Las industrias líticas de la Gruta Nova de Columbeira (Bombarral, Portugal) en el contexto del Musteriense Final de la Península Ibérica", *Trabajos de Prehistoria*, nº 55 (1), pp. 39-62, Madrid.
- (1998b) – *O sítio do Paleolítico Médio da Conceição (Alcochete)*, ed. CEMA, Lisboa.
- (2000a) – "Gruta da Figueira Brava (Setúbal) no contexto do Paleolítico Médio Final do Sul e Ocidente Ibéricos", *Trabalhos de Arqueologia*, nº 14, pp. 7-19, Lisboa.
- (2000b) – "Mousterian industries of gruta da Figueira Brava". *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe Ciências*, vol. 39, pp. 305-323, Lisboa.
- RAPOSO, L. e CARREIRA, J. R. (1994a) – "Os primeiros habitantes da região de Lisboa", *Lisboa Subterrânea, catálogo de exposição no Museu Nacional de Arqueologia*, pp. 331-38, Lisboa.
- (1994b) – "Utensílios sobre lasca da indústria do Paleolítico Médio do sítio da Cascalheira (Benavente)", *Almadan*, 2ª série, nº 3, pp.22-29, Almada.
- RAPOSO, L., et al. (1985) – "A estação acheulense final de Milharós, Vale do Forno, Alpiarça", *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*, vol. 2, pp. 41-60, Lisboa.
- SILVA, A.C. et al. (1991) – "A Gruta do Escoural: novas perspectivas para o seu estudo e valorização", *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*, ed. da Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 173-181, Lisboa.
- STRINGER, C. e GAMBLE, C. (1993) – *In Search of Neanderthals*, ed. Thames and Hudson, Londres.
- TATERSALL, I. e SCHWARTZ, J. H. (1999) – "Commentary: Hominids and hybrids: The place of Neanderthals in human evolution", *Proceedings of the National Academy of Sciences*, nº 96, pp. 7117-7119..
- VASCONCELLOS, J. L. (1885) – *Portugal Pré-Histórico*, ed. David Corazzi, Lisboa.
- ZBYSZEWSKI, G. (1943) – "La classification du Paléolithique ancien et la chronologie du Quaternaire de Portugal en 1942", *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, nº 2(2-3), pp. 3-111, Lisboa.
- (1958) – "Le Quaternaire du Portugal", *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, nº 13 (1-2), Porto.

- (1964) – “Conhecimentos actuais sobre o Paleolítico Português”, *Comemoração do 1º Centenário da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- (1974a) – “O Paleolítico em Portugal”, *História Universal Meridiano. 1 - Pré-História*, Ed. Meridiano, pp.74-121, Lisboa.
- (1974b) – “L’âge de la pierre taillée au Portugal”, *Les Dossiers de l’Archéologie*, nº 4, pp. 19-30, Dijon.
- ZILHÃO, J. (1993) – “Le passage du Paléolithique Moyen au Paléolithique Supérieur dans le Portugal”, *El Origen del Hombre Moderno en el Suroeste de Europa*, ed. UNED, pp. 127-145, Madrid.
- (1997) – *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*, ed. Colibri, 2 vol., Lisboa.
- (2000) – “The Ebro Frontier: a Model for the Late Extinction of Iberian Neanderthals”, *Neanderthals on the Edge: 150th Anniversary Conference of the Forbes’ Quarry Discovery, Gibraltar*, Oxbow Books, pp. 111-121, Oxford.

